

**O PROCESSO DE LEITURA
A PARTIR DA INTERTEXTUALIDADE
EM A TURMA DA MÔNICA**

Luciana da Costa Quintal
professoralucianaquintal@gmail.com

1. Introdução

A aplicabilidade da leitura em sala de aula ainda é uma busca incessante de educadores em levar a literatura aos pequenos. Essa intenção é a de enriquecê-los com a cultura e a informação e, por conseguinte, transformá-los em adultos que cultivem o hábito de ler. Deste modo, não se pode deixar de sublinhar que escola é um espaço privilegiado para o grande encontro entre o autor, o leitor e o livro, fundamental para que se formem leitores cidadãos competentes.

O mais importante desta atividade é transformá-la em mais uma fonte de lazer. Para isso, a leitura deve cumprir seu papel de interlocução com o leitor, exigindo sua participação ativa, buscando no aluno despertar o prazer de ler e, assim, tornar esses momentos agradáveis. A partir desta riqueza, ele se tornará um indivíduo crítico e criativo, mais consciente e produtivo.

Uma das questões mais levantadas pelos educadores é o porquê apesar de tamanho empenho, as crianças e os jovens ainda leem tão pouco. A resposta para esta dúvida pode ser encontrada na falha política de educação no Brasil e na má distribuição de renda que aqui se encontra. Porém, há de se convir que, por mais que existam forças maiores, o poder que o professor exerce em sala de aula é imbatível.

Outrossim, seria mais fácil culpar a televisão, entre outros meios de comunicação de massa, mas a leitura e a mídia televisiva são universos distintos, pois, para os fins que cada uma se destina, são eficientes. Se outros meios estão em melhor colocação de favoritismo entre os jovens, logo, é porque, de alguma forma, conseguiram, em maior escala, tocar a sua emoção.

Com isso, nota-se que pais e professores não estão sabendo explorar o texto literário para levar às suas crianças. Elas precisam de um exemplar leitor em seu convívio para que possa ver que a leitura é sim

uma atividade agradável e prazerosa, jamais podendo ser tachada como obrigação, avaliação e punição.

Formador de opiniões, centro das atenções e modelo a ser seguido, o professor deve passar para o aluno a distinção entre a informação e a arte, a subjetividade e a objetividade, a denotação e a conotação, e o espaço imaginário e a vida real, através da grande matéria-prima da leitura: a palavra.

O ato de ler exerce papel imprescindível na área pedagógica, pois, integra o desenvolvimento da coordenação motora, da construção cognitiva e apreciativa dos discentes. Para isso, a escolha do livro é de suma importância para que o processo de aprendizagem esteja aliado ao prazer.

Desse modo, não há de se esquecer que o objetivo primordial da escola é avaliar e, sem contextualização de um trabalho lúdico, a prova vai discriminar o aluno que não leu, assim como foi destacado por Maria Antonieta Antunes Cunha, em sua obra de cunho pedagógico, *Literatura Infantil: Teoria e Prática* (1986, p. 43). Ou seja, os métodos avaliativos devem ser reformulados, embasados, pelo exposto abaixo:

Da perspectiva de uma filosofia de educação, é obrigação do educador mostrar não só a literatura como também as demais artes como as mais fascinantes formas de descoberta do indivíduo, nas relações de recreação e recriação possíveis entre ele e a obra. É também obrigação do educador descortinar todas as possibilidades de cada arte, mas 'deixar' o aluno livre para se aventurar nos caminhos de uma ou outra, dono que ele tem de ser de suas opções. Se ele não fizer a opção que desejamos, paciência. Mesmo que ele estivesse errado (e não é o caso), o direito de errar (e, se for erro, suas consequências) é dele. (CUNHA, 1986, p. 43).

2. O que é (são) intertextualidade?

Muitas vezes é preciso recorrer a outros textos para que se obtenha a compreensão da leitura em questão. A este recurso chamamos de intertexto, hibridização ou, como citou Ingedore Koch em seu livro *Ler e Compreender: os sentidos do texto* (2007, p. 114), a intertextualidade intergêneros. A intertextualidade (ou hibridismo) leva em consideração o objetivo do veículo de informação em questão para unir dois gêneros textuais diferentes dissociados em um mesmo texto.

À leitura que recorreremos neste caso associaremos como texto-fonte. Este pode remeter o leitor ao estilo, composição, sentido e até por algumas passagens do texto. Esta atividade, conjunta ao processo de lei-

tura e à construção de sentidos, fundamenta a necessidade de se conhecer a origem do novo texto em uma nova situação comunicativa com outros recursos, composições, formas, estilos e objetivos.

A intertextualidade constitui e é constituída pelo processo de leitura e produção textuais, no tocante à relação que mantém com outros textos. São recursos de interlocução que, segundo o dialogismo de Bakhtin, citado em *Intertextualidade: diálogos possíveis* (2007, p. 9), concebem cada texto como constituindo um intertexto numa sucessão de textos já escritos ou que ainda serão escritos.

A teoria de Bakhtin (1929) se baseia neste incrível mundo do intertexto de que um enunciado jamais poderá ser compreendido separadamente de outros, pois ele estará sempre em diálogo com outros textos. Assim, como no cotidiano, tudo que falamos e ouvimos no presente se refere às experiências vividas em outras situações do passado. Portanto, todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. De acordo com a afirmativa do próprio autor (1986, p. 162), extraída da obra *Intertextualidade: diálogos possíveis*, de Ingedore Koch (2008, p. 16):

O texto só ganha vida em contato com outro texto (com contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. (BAKHTIN, 1986, p. 162)

Os tipos de intertextualidade são as classificações encontradas para os mais diversos diálogos entre os textos. Desta forma, teremos a intertextualidade em sentido amplo, quando é parte constituinte de qualquer discurso e; a intertextualidade mais restrita, que conta com a participação de um intertexto. Esta última ainda pode ser dividida em temática, estilística, explícita e implícita.

A intertextualidade temática, geralmente, envolve textos da mesma área de conhecimento. Assim, se pode defini-la como o diálogo entre textos dentro de um tema em comum. Podemos citar como exemplo, as HQs de um mesmo autor, como a que mostraremos a seguir: mais uma do pai da Turma da Mônica, demonstrando na legenda “PLANO INFALÍVEL Nº 3480”, a referência com outras histórias produzidas anteriormente (**Fig. 1**). Há autores que consideram este tipo de intertexto como autotextualidade ou intratextualidade:



Fig. 1: Personagem Cebolinha realizando a autotextualidade

Ocorre a intertextualidade estilística quando o texto, de certa forma, imita estilos ou variedades linguísticas existente em outras fontes. No quadrinho abaixo exposto, Chico Bento e sua namorada Rosinha estão enaltecendo a lua. Pode ser facilmente identificado na fala dos personagens a marca oral de pessoas que, em geral, vivem em espaço rural (Fig. 2). Tais como “Si” em lugar de “se”, “ti” e “te” e “memo” ao invés de “mesmo”. Além da oralidade presente na conjugação equivocada do verbo “dar”:



Copyright © 2008 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fig. 2:
Os personagens Chico Bento e Rosinha realizando a intertextualidade estilística

Já a intertextualidade explícita é quando o autor menciona o texto-fonte e, assim, expõe a referência bibliográfica contida em sua obra (fig.3). Isto ocorre nos quadrinhos que veremos a seguir, quando os personagens Cascão e Cebolinha encontram uma lâmpada, talvez a mesma de *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa*. O último faz a referência à obra clássica, enquanto o primeiro ratifica esta suposição:



Figura 3: O personagem Cebolinha realizando a intertextualidade explícita

Em outro caso, quando se trata de uma intertextualidade implícita, o produtor do texto usa a produção de outra pessoa como fonte, sem mencioná-la. Desse modo, ele pode se apoiar, questionar ou contrariar a posição do autor-fonte, apropriando-se do texto para imitá-lo, parodiá-lo ou reformulá-lo. Então, se espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto (fig.4). Como veremos abaixo, a personagem Mônica se apropria da fala da madrasta malvada de *A Branca de Neve e os Sete Anões*, ao indagar sobre sua beleza ao espelho:



Figura 4: A personagem Mônica realizando a intertextualidade implícita

Aqui encontramos também a intertextualidade intergenérica, que mescla o gênero HQs com o gênero contos de fadas. Há também outras

situações que incluem a intertextualidade tipológica, quando se integram em uma mesma leitura diferentes tipos de textos, tais como argumentativos, injuntivos, descritivos, argumentativos, expositivos e diálogo.

Um conceito que se deve ter bem definido é a diferença entre intertextualidade e polifonia. Este é mais amplo, enquanto aquele se restringe à presença de um intertexto. Em se tratar de polifonia, sua função requer representações de pontos de vista diferentes no texto. São as diversas vozes dentro dele, o que não quer dizer que haja intertextualidade.

Os quadrinhos, os contos de fadas e a leitura, quando associados, são ricos materiais para o desenvolvimento da capacidade de interpretar os sentidos e os símbolos do texto. Através dele, há de se encontrar a magia que envolve o ser humano ao mundo imaginário e deste encontro, extrair a metáfora da vida. Para o educador, cabe direcionar os alunos não só ao que está escrito, como também ao que há de implícito nas entrelinhas, fazendo com que eles tracem novos caminhos pela leitura.

As novas sensibilidades oferecidas por este tipo de leitura produzem ideias e sentidos no sistema cognitivo infantil. Além da capacidade de simbolização, revelam a realidade do mundo real para as crianças. Já para os mais crescidos, remetem ao encontro com o universo criança que há dentro de cada um de nós.

A literatura fantástica como representação da vida mostra ao aluno o que é a subjetividade, além de fazê-lo reconhecer o tipo narrativo, os mais diversos discursos e suas variações, e histórias e experiências do mundo. Para a vida de fora dos livros, há de se ensinar as perdas e os ganhos, os sentimentos bons e ruins, os bons modos, a superação de conflitos e, principalmente, estimulá-lo a buscar a felicidade eterna dos contos de fadas.

A partir de tantos conteúdos e funcionalidades, a sala de aula deve abranger a compreensão, a discussão, o respeito e o apoio entre tantas infindas relações entre professor e aluno. Compreender suas necessidades, respeitar seus desejos e direitos e auxiliá-las no enriquecimento do saber, é apenas o início da árdua tarefa de ensinar a ler.

Deve-se ensinar a ler funcionalmente textos clássicos, situações e o que lhe for necessário, afinal sempre há texto em todos os lugares e em todos os textos. Pode-se dizer, então, que o intertexto é um fenômeno de sobrevivência e eternidade, imortais que são na memória dos leitores. No caso dos contos de fadas e as histórias em quadrinhos, une-se a leitura

prazerosa da associação de imagens com os balões com os “para sempre” inesquecíveis contos de fadas.

3. *Uma proposta intertextual*

A proposta que se pretende desenvolver é simples e pode variar de acordo com a idade e o grau de conhecimento dos alunos, além de sua série escolar. Os principais objetivos deste planejamento são a incitação à pesquisa e ao raciocínio para associar os textos levados pelo professor à sua bagagem leitora. Em outras palavras, é extrair do conhecimento prévio dos alunos o despertar para o fenômeno da intertextualidade.

Sendo assim, os conteúdos de leitura deverão levá-los à própria produção escrita e oral. A sugestão de material adequado é de suma importância neste momento e deve corresponder ao objetivo específico do professor. Como o intertexto pode ser encontrado em diversos tipos de texto, e em suas formas mais variadas, esta atividade permitirá ao educador abordar quais e quantos temas dispuserem o material escolhido.

Para esta atividade, o tema escolhido é o conto de fadas. Portanto, o material necessário para realizá-la são histórias em quadrinhos selecionadas – todas aquelas que contenham relação intertextual com os contos – e livros de contos infantis. Para isso, o professor deverá separar o tempo estimado o quanto for necessário.

Uma sugestão de bibliografia que podemos incluir são as revistas de *A Turma da Mônica*, de Maurício de Sousa, que fazem parte da coleção *Um Tema Só* e são intituladas *Fábulas*, ainda da Editora Globo. Para os contos de fadas é ainda mais fácil adquirir material, o importante é que se tenham historinhas diversificadas.

Na primeira parte do trabalho, será feita a (re)leitura dos contos, mas, antes disso, será pedido aos alunos um breve resumo de seu conhecimento prévio, tais como enredo, personagens e moral da história. Assim, poderá ser feita uma leitura em conjunto, com debates e dramatizações dos contos.

Numa segunda etapa, será realizada a leitura das revistas em quadrinhos. Esta leitura poderá ser feita de forma individual. Já que as revistas irão lhes proporcionar o diálogo com os contos lidos anteriormente, essa livre associação deverá ser observada separadamente em cada aluno.

A partir disso, o professor poderá fazer seus comentários e embasar uma aula expositiva com os diversos tipos de intertextualidade encontrados.

Os alunos, por sua vez, poderão selecionar os quadrinhos que melhor lhes aclararam a ideia de intertexto. Já o professor propõe-lhes que façam uma lista com as semelhanças encontradas e, depois, os tipos de intertextualidade reconhecidos. Por último, será realizada uma grande oficina, onde os alunos irão criar seus cartazes intertextuais, contendo as imagens e as associações feitas por eles.

Como produto final, será realizada uma exposição sobre a intertextualidade e os contos de fadas, que pode ser compartilhada com toda a comunidade escolar. Cada aluno terá a oportunidade de mostrar e explicar os fenômenos da intertextualidade. O professor norteará sua avaliação ao analisar o que foi apreendido nesta atividade e como foi a capacidade do aluno de expor suas ideias.

4. Conclusão

A presente pesquisa mostrou como os quadrinhos de *A Turma da Mônica*, de Maurício de Sousa, possuem rico material que oferece o reconhecimento da intertextualidade e a busca pelo conhecimento prévio dos alunos. Foi obtido sucesso sobre a questão da leitura, já que, de uma forma interessante e divertida, se pôde montar com os alunos um círculo de leitura proveitoso e, acima de tudo, com os objetivos alcançados.

Este artigo pôde apresentar a sala de aula como espaço de interação e exposição, onde os alunos conseguem participar de maneira criativa e criadora. Os alunos podem concluir por eles mesmos que as sequências narrativas em quadrinhos dialogam todo o tempo com os contos de fadas, sem desconsiderar as características próprias de cada personagem de Maurício de Sousa. Nesse sentido, pode ser explorada também a bagagem leitora da criança em relação à *Turma da Mônica*, que de certa forma também exigem seu conhecimento prévio.

O objetivo principal da pesquisa, o de fornecer trabalhos de intertextualidade aplicáveis à sala de aula, sua respectiva caracterização e os principais recursos linguísticos utilizados para a manutenção dos leitores de HQs com a finalidade de contribuir para a formação do leitor competente, foi alcançado, uma vez que a proposta oferecida se inicia com os

alunos lendo e explorando a funcionalidade da leitura; criam seus próprios textos e mostram o que aprenderam na exposição.

Esta realização materializa o conteúdo proporcionado pela intertextualidade em prol do amadurecimento da leitura e da escrita. Em outras palavras, desperta no aluno as curiosidades acerca do texto, aguçando a pesquisa e tornando-o um leitor/recebedor competente.

A base bakhtiniana deste trabalho comprova que toda enunciação é intertextual, mostrando aos alunos que um comentário, uma frase, ou até uma história em quadrinhos trazem comentários, frases e histórias já anteriormente enunciados. Dessa forma, os conceitos de intertextualidade aqui expostos fornecem aos alunos a reflexão do dizer ao já dito, possibilitando-o conhecimento e reconhecimento da paráfrase, da paródia etc.

Portanto, nossa sugestão de prática da intertextualidade em sala de aula, de forma bastante proveitosa, pode proporcionar aos alunos, além de mais conhecimento, o prazer de ler, não um martírio. Assim, o trabalho explora as histórias em quadrinhos como fonte de leitura, resgata os contos infantis como um conhecimento clássico e propõe ao jovem leitor a busca de outras leituras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fada*. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica*. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Ática, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1986.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GRIMM, Jacob; Wilhelm Grimm. *Chapeuzinho Vermelho*. Tradução de Verônica Sônia Küle. Porto Alegre: Caminho da Luz, 2005.

GUSMAN, Sidney. *Maurício quadrinho a quadrinho*. São Paulo: Globo, 2006.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 2. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2007.

Ingedore G. Villaça Koch; BENTES, Anna Cristina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. *O que é história em quadrinhos?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano. *Era uma vez uma outra história: leitura e interpretação na sala de aula*. São Paulo: DCL, 2006.

SOUSA, Maurício. Fig. 1:

<http://www.turmadamonica.com.br/index.htm> Página Semanal 327. Acesso em: 20-04-2011.

_____. Fig. 2: <http://www.monica.com.br/cgi-bin/load.cgi?file=news/welcome.htm&pagina=../mural/exposicao2011.htm>. Histórias Seriadas. Acesso em: 20-04-2011.

_____. Fig. 3: <http://www.turmadamonica.com.br/index.htm> Página Semanal 63. Acesso em: 20-04-2011.

_____. Fig. 4: <http://www.turmadamonica.com.br/index.htm> Página Semanal 18. Acesso em: 20-04-2011.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.